



Grupo se une à campanha para tentar eleger Lula no primeiro turno. Em carta, os especialistas destacam sérias discordâncias com o PT, mas justificam que o ex-presidente é o único capaz de “derrotar o atraso” do atual governo

Economistas aderem ao voto útil

» VICTOR CORREIA

Às vésperas das eleições, um grupo de 38 economistas aderiu à campanha do voto útil no candidato do PT ao Planalto, Luiz Inácio Lula da Silva. Os especialistas enfatizaram, porém, que o apoio ao ex-presidente “é crítico”. Eles deixaram claro que têm “sérias discordâncias a respeito de políticas implementadas no passado” por gestões do PT, mas acrescentaram que reconhecem em Lula “a única liderança capaz de derrotar o atraso maior representado pelo atual governo”.

A carta em apoio ao petista, assinada por acadêmicos de universidades nacionais e internacionais, é basicamente uma lista de críticas contundentes à gestão do presidente Jair Bolsonaro (PL) em diversos setores.

“Neste momento crítico da história brasileira, nós (...) economistas que sempre nos posicionamos em favor da estabilidade econômica, do fortalecimento das instituições e da justiça social, nos manifestamos em apoio à candidatura do ex-presidente Lula, já no primeiro turno”, diz o manifesto. “As ações e a inépcia do atual governo causaram um desastre no processo de desenvolvimento institucional e socioeconômico do país, afetando dramaticamente o bem-estar da população brasileira.”

Os economistas citam retrocessos no governo Bolsonaro em

Signatários

Entre os que assinam o manifesto estão o ex-diretor-executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI) Otaviano Canuto e a ex-diretora-presidente do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro (ISP) Joana Monteiro. Eles são professores e pesquisadores de institutos como a Fundação Getúlio Vargas (FGV), a USP, UFPE, PUC-Rio, além de universidades estrangeiras como a University of Cambridge, Yale e London School of Economics.

áreas estratégicas, como o desmonte da estrutura de fiscalização de crimes ambientais e consequente deterioração do meio ambiente. O documento também classifica como “calamitosa” a política de saúde e afirma que “a gestão da pandemia contribuiu para dezenas de milhares de mortes que poderiam ter sido evitadas”, além de denunciar “total falta de empatia” do atual presidente com as famílias das vítimas.

Ricardo Stuckert/Divulgação



Lula participou de ato em que recebeu apoio de ministros do governo Fernando Henrique Cardoso

A educação e a segurança pública também foram alvo de críticas dos acadêmicos, especialmente a facilitação do acesso da população a armas e munições.

Na economia, a carta cita um desmonte do Orçamento federal e crítica as medidas eleitoreiras de Bolsonaro para tentar diminuir a distância em relação a Lula, como o aumento do Auxílio Brasil para R\$ 600 e a criação de benefícios para taxistas

e caminhoneiros. Menciona, ainda, que, “apesar da retórica, houve um desmonte da capacidade institucional de combate à corrupção, e várias denúncias envolvendo o atual governo, o próprio presidente e seus familiares não foram esclarecidas”, continua o manifesto.

“Por fim, e ainda mais importante, o atual presidente fez e continua a fazer reiteradas ameaças à democracia,

agredindo o Judiciário, afirmando que não respeitará os resultados da eleição e fomentando um clima de profunda instabilidade e o risco real de ruptura institucional”, diz o grupo.

Nos últimos dias, Lula conseguiu conquistar o aval de importantes economistas, como a do ex-presidente do Banco Central Henrique Meirelles (União Brasil) e André Lara Resende, que integrou a equipe de criação do

Plano Real e foi presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no governo Fernando Henrique Cardoso.

Além de Resende, cinco outros ministros da gestão FHC participaram de ato, ontem, em apoio a Lula: Aloysio Nunes Ferreira, José Carlos Dias, Cláudia Costin e Luiz Carlos Bresser-Pereira e Paulo Sérgio Pinheiro.

Críticas

Já a economista Elena Landau acusa Lula de desrespeitar os autores do Plano Real. Coordenadora do programa econômico da candidata do MDB à Presidência, Simone Tebet, ela classificou como “uma questão muito séria” a forma com o petista tratou a herança recebida pelo governo FHC. “Ele diz que foi uma herança maldita. Não adianta ele levar o Geraldo Alckmin (candidato a vice na chapa) e continuar dizendo que pegou um Brasil destruído, porque não é verdade”, destacou, em entrevista ao *Estadão*, na segunda-feira. “Isso é um desrespeito com todo mundo que trabalhou no Plano Real.”

Para Landau, “o programa do PT é de intervenção de Estado, de reestatização”. “É totalmente distante do que o nosso grupo acredita. Pode ser que o Lula esteja fazendo isso para ganhar a eleição. Pode ser que ele mude de ideia quando assumir. O Lula é uma grande incógnita”, acrescentou.

Bolsonaro fala em vencer no 1º turno

» INGRID SOARES

Em campanha na cidade pernambucana de Petrolina, o presidente Jair Bolsonaro (PL), candidato à reeleição, voltou a dizer que seu governo não tem corrupção e atacou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), líder das pesquisas de intenção de voto.

“O que eu tenho a oferecer para vocês é justamente o contrário do que o ladrão fez ao longo de 14 anos. Completamos três anos e meio no Brasil sem corrupção por parte do governo federal. Não ser corrupto não é virtude, é obrigação”, discursou.

O presidente disse acreditar que a população o reelegerá em primeiro turno e destacou desvios na Petrobras. “Essa é a marca do governo do PT de Lula. Nós não queremos isso para o nosso Brasil. Nós não queremos um ladrão chefiando o governo federal. Nós acreditamos no povo brasileiro que, no próximo 2 de outubro, vai reeleger Jair Bolsonaro no primeiro turno”, enfatizou.

Bolsonaro afirmou que, “se assim for a vontade de Deus e também interesse de vocês, nós continuaremos no governo trazendo paz e tranquilidade e ordem e progresso para todos”. Os apoiadores responderam com gritos de “primeiro turno”.

Covid-19

O chefe do Executivo destacou que o “Brasil está condenado a dar certo” e criticou governadores por decretarem medidas restritivas em meio ao pico da covid-19, afirmando que eles não devem ser reeleitos.

“Vocês sabem, passamos por momentos difíceis, uma pandemia, em que governadores e prefeitos, não todos, obrigaram vocês a ficarem em casa. Esses, que obrigaram a ficar em casa, agora, vocês têm que deixá-los ficar em casa, não votando neles novamente”, pregou.

Ele citou, também, a redução da inflação e do preço de combustíveis. “Hoje, no Brasil, quase

em sua totalidade, a gasolina está abaixo de R\$ 5 e o álcool abaixo de R\$ 3. O Brasil começa, cada vez mais, a dar exemplo para o mundo”, disse. “Não temos mais inflação. Tudo começa a baixar de preço já no terceiro mês consecutivo. Nós estamos mais do que dando exemplo para o mundo, demonstrando como se faz política de verdade em momentos difíceis.”

Por fim, repetiu a defesa de pautas ideológicas, em agrado à sua base de apoiadores. Disse ser contra o aborto, a legalização das drogas e a ideologia de gênero. “O patrimônio de cada um de nós são os nossos filhos. Eles são o nosso orgulho, a nossa razão de viver. Serão tratados como assim merecem”, frisou.

Na cidade, Bolsonaro montou em um touro, cujos chifres receberam adesivos da campanha do presidente. No lombo do animal, uma bandeira com as cores do Brasil e o número da chapa do chefe do Executivo. Além do comício, ele participou de motocia e carreta.

Max Haack/Estadão Conteúdo



Bolsonaro em Petrolina: “Completamos três anos e meio no Brasil sem corrupção por parte do governo”

ALEXANDRE GARCIA

NUNCA VI UMA CAMPANHA TÃO ANIMADA NEM UMA ESCOLHA TÃO FÁCIL. AFINAL, OS DOIS SUBMETIDOS AO JULGAMENTO DAS URNAS SÃO BEM CONHECIDOS

Primavera na urna

No próximo domingo, as urnas nos esperam, para decidirmos nosso próprio futuro e de nossos filhos e netos. Vamos dar procuração para outros brasileiros agirem em nosso nome, fazendo e mudando leis, administrando o dinheiro de nossos impostos. Não é o único momento em que o poder emana do povo, mas é o mais importante, porque formaliza a outorga do poder. Votei pela primeira vez em 3 de outubro de 1960. Meu eleito, Jânio Quadros, renunciou no ano seguinte, criando uma crise que nos tirou

o voto direto para presidente. De Castello a Tancredo-Sarney, seis presidentes foram eleitos pelo Congresso.

Quando voltou a eleição direta para presidente, em 1989, a polarização Lula x Collor no segundo turno foi semelhante à de hoje, com ânimos à flor da pele, esquerda e direita se digladiando. Eu cobri aquela campanha, mediei o debate final entre os dois, comentei várias vezes o Ibope, transmiti os resultados — mas não lembro dos nomes dos ministros do Tribunal Eleitoral nem dos

juízes do Supremo daquela época. Naquele tempo, esses tribunais agiam com discrição, sem intromissão ou ativismo. Collor ganhou e depois sofreu impeachment. No Supremo, foi inocentado sob a constatação de que notícia de jornal não é prova. Assumiu o vice Itamar, que nos deu o real e o fim da hiperinflação.

Depois, vieram eleições presidenciais com disputas entre PSDB e PT, entre mais esquerda e menos esquerda. Após o desastre da corrupção e apropriação do Estado, apareceu

Bolsonaro, despertando uma maioria que o elegeu em 2018. Naquele ano, houve polarização direita x esquerda, mas atenuada porque Lula estava cumprindo pena. Condenações anuladas e liberado para ser candidato, pelo voto de juízes que hoje comandam o TSE, Lula voltou à cena, e a campanha ficou acirrada, embora ele não tenha se exposto às ruas. Agora, faltam cinco dias para ser julgado pelos eleitores.

Os dois candidatos acham que vencem no 1º turno; um olha para as pesquisas

e outro olha para as ruas. Como nunca houve tanta pesquisa, elas foram tão noticiadas quanto a movimentação dos candidatos. Vai ser um teste definitivo das pesquisas, que erraram feio na última eleição presidencial.

Nunca vi uma campanha tão animada nem uma escolha tão fácil. Afinal, os dois submetidos ao julgamento das urnas são bem conhecidos. Lula foi presidente por oito anos e comandou o PT que governou seis anos depois dele. Uma exposição de 14

anos no governo. Bolsonaro, no próximo domingo, terá três anos e nove meses de Presidência. O que os dois fizeram e deixaram de fazer é conhecido por todos. De nenhum eleitor será aceita a desculpa de “eu não sabia”.

No último dia 22, entrou a primavera, estação das flores, da renovação da vida. Vamos votar em plena primavera. Que tudo que ela simboliza nos inspire a contribuir para que se espalhe uma longa primavera sobre todos nós, brasileiros, até nossos bisnetos.

(cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)